

## EDIFÍCIO LINCK:

Investigação Projetual e Histórica de um Edifício Multifamiliar da Arquitetura Moderna em Porto Alegre, RS.

### LINCK BUILDING:

*Design and Historical Investigation of a Multifamily Building in Modern Architecture in Porto Alegre, RS.*

### EDIFICIO LINCK:

*Diseño e Investigación Histórica De Un Edificio Multifamiliar en la Arquitectura Moderna en Porto Alegre, RS.*

## Ana Elisa Souto

*Doutora, Docente Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria no campus Cachoeira do Sul; Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (PPGAUP/UFSM), ana.souto@ufsm.br*

### RESUMO

A tipologia de edifícios de apartamentos está associada a um dos momentos mais destacados da arquitetura moderna. Inúmeras foram as realizações concretas de edifícios residenciais modernos em todo o mundo. No entanto, esta pesquisa se concentra na experiência moderna brasileira, analisando a obra residencial de Emil Bered no sul do país, na cidade de Porto Alegre. Uma de suas obras mais significativas é o edifício Linck (1952), o primeiro projeto de grande porte desenvolvido em parceria com Roberto Veronese e Salomão Kruchin. Emil Bered (1926-), arquiteto natural de Santa Maria, conquistou reconhecimento a partir da década de 1950, quando a arquitetura moderna ganhou destaque em sua produção no Rio Grande do Sul. O objetivo é realizar uma análise projetual e histórica para identificar influências e contribuições na construção de uma identidade moderna gaúcha. A arquitetura moderna gaúcha revela, além de referências corbusianas e da escola carioca, influências da arquitetura produzida no Uruguai. Embora se fale amplamente da produção da Arquitetura Moderna no eixo Rio-São Paulo, amplamente difundida entre os anos 1930 e 1960, é crucial reconhecer que a produção de arquitetura moderna de alta qualidade e relevância floresceu para além deste epicentro geográfico, como é o caso da Arquitetura Moderna Gaúcha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura Moderna Gaúcha; Edifício multifamiliar; Emil Bered; Investigação Projetual

### ABSTRACT

The typology of apartment buildings is associated with one of the most prominent moments in modern architecture. Numerous concrete achievements of modern residential buildings have emerged worldwide. However, this research focuses on the Brazilian modern experience, analyzing the residential work of Emil Bered in the southern region of the country, in the city of Porto Alegre. One of his most significant works is the Linck Building (1952), the first large-scale project developed in partnership with Roberto Veronese and Salomão Kruchin. Emil Bered (1926-), a native architect of Santa Maria, gained recognition starting in the 1950s when modern architecture gained prominence

in his production in Rio Grande do Sul. The objective is to conduct a design and historical analysis to identify influences and contributions to the construction of a modern identity in the state of Rio Grande do Sul. The modern architecture of Rio Grande do Sul reveals influences not only from Le Corbusier and the Carioca school but also from architecture produced in Uruguay. Although there is widespread discussion of the production of Modern Architecture in the Rio-São Paulo axis, widely disseminated between the 1930s and 1960s, it is crucial to recognize that the production of high-quality and relevant modern architecture flourished beyond this geographical epicenter, as is the case with Modern Architecture in Rio Grande do Sul.

**KEYWORDS:** *Gaúcha Modern Architecture; Multifamily Building; Emil Bered; Design Investigation*

#### RESUMEN

*La tipología de edificios de apartamentos está asociada a uno de los momentos más destacados de la arquitectura moderna. Numerosas han sido las concreciones de edificios residenciales modernos en todo el mundo. Sin embargo, esta investigación se centra en la experiencia moderna brasileña, analizando la obra residencial de Emil Bered en el sur del país, en la ciudad de Porto Alegre. Una de sus obras más significativas es el edificio Linck (1952), el primer proyecto de gran envergadura desarrollado en colaboración con Roberto Veronese y Salomão Kruchin. Emil Bered (1926-), arquitecto natural de Santa Maria, ganó reconocimiento a partir de la década de 1950, cuando la arquitectura moderna cobró relevancia en su producción en Rio Grande do Sul. El objetivo es realizar un análisis de diseño e histórico para identificar influencias y contribuciones en la construcción de una identidad moderna gaucha. La arquitectura moderna gaucha revela, además de referencias corbusianas y de la escuela carioca, influencias de la arquitectura producida en Uruguay. A pesar de que se habla ampliamente de la producción de la Arquitectura Moderna en el eje Río-Sao Paulo, ampliamente difundida entre los años 1930 y 1960, es crucial reconocer que la producción de arquitectura moderna de alta calidad y relevancia floreció más allá de este epicentro geográfico, como es el caso de la Arquitectura Moderna Gaucha.*

**PALABRAS CLAVES:** *Arquitectura Moderna Gaúcha; Edifício Multifamiliar; Emil Bered; Investigación de Diseño*

## INTRODUÇÃO

A habitação multifamiliar é considerada fundamental no desenvolvimento da arquitetura moderna no início do século XX. Inúmeras foram as realizações concretas de edifícios residenciais modernos em todo o mundo. Para Lima (2005), existe em cada período, uma tipologia dominante, em relação ao qual a arquitetura resolve seus problemas construtivos básicos, no Gótico era a catedral; no Renascimento e no Barroco, era o palácio; e no movimento moderno é a habitação. Em terras brasileiras, o projeto moderno ganhou corpo pelas ideias e obras de arquitetos, primeiramente cariocas.

A arquitetura moderna em Porto Alegre tem sido estudada por meio de diferentes tipos de abordagens, por historiadores e pesquisadores. Existe a necessidade de ampliar o campo de estudos e alcançar produções a margem do olhar acadêmico. As narrativas históricas não são estáticas e se transformam ao longo do tempo. A historiografia da arquitetura moderna não é exceção. Em um país de grande extensão territorial, temporalidades variadas, a arquitetura e seu processo histórico de produção não é único ou se manifesta de forma linear.

Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul teve um desenvolvimento mais expressivo a partir da segunda metade do século XX, impulsionada pela implantação dos primeiros cursos de arquitetura no estado gaúcho, por volta de 1940 (MARQUES, 2002). O estabelecimento dos cursos pioneiros de Arquitetura no Sul marcou um momento fundamental no desenvolvimento do grupo de arquitetos que impulsionaram uma expressão arquitetônica na região. Essa abordagem única foi fortemente influenciada pela estética de Le Corbusier, pela Escola Carioca e pelas características arquitetônicas da área da região do Prata. (STRÖHER, 2000; LUCCAS, 2016, MARQUES, 2012). O primeiro curso criado por Tassô Correa, diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (IBA), iniciou as aulas em 1945 com uma turma de 25 alunos. O instituto, uma filial da instituição sediada no Rio de Janeiro e dirigida na época por Lúcio Costa (XAVIER; MIZOUGUCHI, 1987). O ensino ministrado no IBA de Porto Alegre seguia as diretrizes da escola carioca, incentivando a apropriação dos princípios corbusianos (STRÖHER, 2000).

Tanto a Escola Carioca (1930-1950), quanto a Escola Paulista (1960-1970), representaram vanguardas que trouxeram reflexões cruciais para a arquitetura, contribuindo significativamente para a proeminência da produção arquitetônica nacional no âmbito global. Suas experimentações abrangeram o desenvolvimento de novas tecnologias na construção civil, a criação de tipologias que harmonizavam espaços privados e coletivos em uma mesma localidade, bem como investigações sobre a interação entre forma e função. Essas escolas também exploraram as dicotomias entre racionalismo e formalismo, tradição e modernidade, além de considerar a adaptação climática e a herança estilística local, culminando na materialização das teorias relacionadas à cidade moderna (MARQUES, 2012).

Desde a década de 1940, os profissionais formados em Montevidéu e no Rio de Janeiro vinham a Porto Alegre, como Demétrio Ribeiro (1916-2003), formou-se na UDELAR em 1943, Edgar Graeff (1921-1990) e Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956), formados no Rio de Janeiro, além do urbanista Edvaldo Pereira Paiva (1911-1981) cuja formação ocorreu junto ao professor Maurício Cravoto (1893-1962), diretor do *Instituto de Urbanismo de la Universidad de La Republica Oriental del Uruguay* (UDELAR). A mistura de referências e condicionantes que conformaram a produção moderna da arquitetura do estado e da capital é temperada pela constante influência platina que, a partir da Faculdade de Arquitetura de Montevidéu, formou ou especializou alguns arquitetos gaúchos, e promoveu troca constante com o curso do Instituto de Belas Artes através da participação de professores como Mauricio Cravotto, Carlos Gavazzo e Ildfonso Aroztegui (BUENO, 2012). Segundo Ströher (2000), o intenso intercâmbio que havia entre professores e alunos dos cursos de Porto Alegre e de Montevidéu repercutiu na produção arquitetônica local.

Para Marques(2012), no Rio Grande do Sul, boa parte dos movimentos de arquitetura aconteceram com suas particularidades, e a primeira geração de arquitetos modernos integrada por Edgar Graeff (1921-1990), Holanda de Mendonça (1920-1956), Demétrio Ribeiro (1916-2003) e outros, abriram os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Para o autor: “A consolidação da arquitetura moderna em Porto Alegre ocorreu através das primeiras turmas de egressos do Curso de Arquitetura do Belas Artes e da FAURGS, entre o final da década de 1940 e os anos 1950” (MARQUES,2002,p.83).

Em Porto Alegre, a primeira turma de arquitetos teve sua formação em curso superior específico entre 1944 e 1950, no IBA-RS. O curso começou a funcionar em sete de maio de 1945. O curso do IBA foi reconhecido pelo Ministério da Educação quando Emil Bered(1926-) estava no terceiro ano. Nesta época questionavam-se as atribuições do arquiteto previstas em lei. Discutia-se o que o arquiteto era capaz de edificar, número de pavimentos, projetos complementares, estruturas, etc. O Conselho de Arquitetura ainda não existia. O arquiteto após formado teria que se inscrever no Conselho Regional de Engenharia Arquitetura e Agronomia do Rio Grande do Sul para poder exercer a profissão. Antes houve, entre 1939 e 1944, a formação de Técnicos em Arquitetura no mesmo IBA-RS. O curso técnico foi um estágio na área e um ensaio para o curso superior e serviu como porta ao ingresso de profissionais qualificados de Arquitetura nos quadros docentes do IBA-RS. No curso de artes plásticas do IBA-RS, a metade dos seus professores era formada de profissionais da arquitetura e com obras significativas no Rio Grande do Sul, como Ernani Dias Corrêa, Fernando Corona (1895-1979) e José Lutzemberger(1882-1951). Não tinham formação em arquitetura os professores Ângelo Guido, João Fahrion e Luis Maristany Trias (SIMON,2010). Segundo Emil Bered (2022):

○ Curso de Arquitetura, vinculado ao Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, tinha como diretor o professor Tasso Bolivar Dias Corrêa, irmão de Ernani Dias Corrêa, que era arquiteto formado no Rio de Janeiro, e passou a fazer parte do corpo docente do novo Curso de Arquitetura (BERED,2022,p.32).

Na escola de Engenharia ocorria um curso de Especialização em Arquitetura, ministrado a formandos em Engenharia e paralela à formação do IBA-RS. A turma do curso superior de Arquitetura do IBA-RS, tinha sua formação ao lado do curso superior de Artes Plásticas aos moldes do ambiente que se formava na ENBA e demais Escolas Superiores. Posteriormente, com a criação da Faculdade de Arquitetura, sua formação correu de forma separada.

Emil Bered declara que ao ingressar no Curso de Arquitetura do IBA, conheceu o professor Fernando Corona que lecionava Modelagem na primeira série. Bered constatou que estava diante de uma figura que dominava plenamente a matéria que lecionava, revelando capacidade didática plena em todos os sentidos. Bered afirma:

○ professor Fernando Corona foi autor de muitos projetos arquitetônicos e, no meu entender, o mais expressivo foi o projeto do IBA, pela funcionalidade da planta baixa e pela moderna caracterização do prédio, no que se refere às fachadas (BERED, 2022, p.32).

O primeiro curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes antecipou-se em um mês da fundação do Curso de Engenheiro Arquiteto da Escola de Engenharia. Os dois cursos, com as mesmas atribuições, resultaram em uma fusão e passaram a funcionar como a

primeira Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em dependência da Escola de Engenharia, na rua Sarmento Leite, em Porto Alegre. A seguir partiu para construção de um novo prédio para a Faculdade de Arquitetura da UFRGS. A formatura da primeira turma no novo prédio deu-se no ano de 1952. Atualmente a Faculdade de Arquitetura ocupa um lugar destacado na qualidade de ensino que faz parte (BERED,2022).

Para Marques(2012), outras lideranças entremeadas de estrangeiros das primeiras gerações de arquitetos, professores e autodidatas como Fernando Corona(1895-1979), Eugene Steinhöf (1880-1952), José Lutzemberger (1882-1951), tanto pelo lado da engenharia quanto das artes que pavimentaram os caminhos da arquitetura regional seguiam atuando no meio.

Em 1949, formou-se a primeira turma de arquitetos desse curso, incluindo Emil Bered (1926-), Roberto Feliz Veronese (1926-1991) e Salomão Kruchin (1928-2013). Em 1950, Emil Bered foi convidado por Ernani Corrêa para lecionar Arquitetura Analítica na qualidade de assistente voluntário sem remuneração, no Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes. Em 1952, com a fusão dos cursos, passou a fazer parte do corpo docente da Faculdade. Convidado por Edgar Graeff, passou a ministrar disciplinas ligadas à composição da arquitetura, exerceu atividade docente por 34 anos até sua aposentadoria em 1984. Na universidade ocupou vários cargos: membro da Comissão de Carreira da Faculdade de Arquitetura, no período de quatro anos a partir de 1973; Coordenador da Comissão de Programação de Ensino do Departamento de Arquitetura em 1975 e, em 1977, foi eleito Chefe do Departamento de Arquitetura. Não aceitou o convite para ser diretor da Faculdade, pois o cargo impunha uma condição de dedicação exclusiva, o que era incompatível com sua atividade profissional (MARQUES; VIEIRA; STRÖHER,2022).

Esses profissionais iniciaram imediatamente suas produções arquitetônicas, inspirando-se tanto na arquitetura moderna carioca, quanto na arquitetura moderna uruguaia, trazida ao Rio Grande do Sul por Demétrio Ribeiro, um dos professores do IBA (MARQUES; VIEIRA; STRÖHER,2022). O arquiteto Emil Bered é um representante dessa geração formada na turma de 1949 e que na década de 1950 começou a atuar em Porto Alegre, produzindo obras modernas adaptadas à realidade local. Emil Bered (1926-), arquiteto natural de Santa Maria, conquistou reconhecimento a partir da década de 1950, quando a arquitetura moderna ganhou destaque em sua produção no Rio Grande do Sul. Uma de suas obras mais significativas é o edifício Linck (1952), o primeiro projeto de grande porte desenvolvido em parceria com Roberto Veronese e Salomão Kruchin.

O artigo concentra-se na experiência moderna brasileira, analisando a obra residencial de Emil Bered no contexto do sul do país. O objetivo é realizar uma análise projetual e histórica do edifício Linck (1952), um prédio multifamiliar da arquitetura moderna em Porto Alegre–RS, identificando influências e contribuições para a construção de uma identidade moderna gaúcha.

## A PRODUÇÃO MODERNA NO SUL NA DÉCADA DE 1950

O movimento moderno significou uma importante mudança da sensibilidade estética na arquitetura trazendo novos ideais que refletiam os aspectos da própria sociedade em um processo acelerado de transformações econômicas e sociais, cujas obras representam parte da identidade cultural do século XX e, portanto, começaram a ser consideradas como parte do patrimônio cultural (BELTRAN-BELTRAN,2008). Segundo Piñón (2006), o paradigma moderno, mais do que um catálogo de partes e regras, constitui-se por uma nova forma de entender e projetar metodologicamente, passando a ser consequência direta de um novo enfoque moral em relação aos problemas construtivos, determinado pela emergência de um espírito científico, próprio da civilização da máquina.

O movimento moderno no Brasil deve ser considerado como um movimento com diversas expressões determinadas por condicionantes geográficas e culturais e com variações construtivas, materiais e formas. A preocupação com as questões formais e relativas ao caráter e composição aparece claramente em depoimentos de arquitetos da época. Segundo Bered (1983), a caracterização desse tipo de arquitetura identifica-se pela obediência que ela apresenta aos preceitos que regem a boa composição através da utilização da planta livre, integração dos espaços externos e internos.

Passado um século das primeiras experiências da arquitetura moderna no Brasil, pode-se afirmar que o lugar da arquitetura moderna na constituição do conjunto da produção arquitetônica no país já está consolidado. Dos primeiros exercícios técnicos e compositivos à afirmação e difusão de sua prática, passando por reflexões críticas sempre renovadas. É possível afirmar que independente de sua gênese ou influência externa inicial, a arquitetura moderna brasileira encontrou um caminho singular de desenvolvimento e realização como experiência plástica e construtiva nacional. Desde a sua gênese essa arquitetura se adaptou às inúmeras variáveis econômicas e sociais em um país continental: de uma quase ortodoxia corbusiana, a variadas soluções técnicas e climáticas, até um hibridismo formal e técnico decorrendo do atendimento de condicionantes variadas em comparação as de seus centros de origem (MATTOS; AMORA,2020).

O campo historiográfico da arquitetura moderna no Brasil tende a considerar que sua difusão se dá a partir dos centros de origem nacional, Rio de Janeiro e São Paulo, se ligam a centros menores periféricos e mais distantes. É comum pensar que a arquitetura moderna no interior, e fora dos grandes centros irradiadores, seria fruto direto do trabalho de arquitetos que migram para essas regiões para executar projetos pontuais ou específicos, ou de arquitetos que, graduados nos centros formadores, atuavam no mercado e na educação em centros menores para que a partir desses passem a atuar ou formar arquitetos para trabalharem no interior dos estados. Esse pensamento está presente nas publicações de Philip Godwin (1943), Mindlin(1961), Yves Bruand (1981), Segawa (2002), entre outros.

Para Marques (2012), o modo de fazer Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul revestiu-se de outros atributos e processos, menos condicionados pelas particularidades estéticas desenvolvidas no Rio de Janeiro e São Paulo, que constituíram apropriações peculiares do Movimento Moderno, o bastante para formação de escolas filadoras.

Segundo Segawa (2002), dois fatores são mais significativos na disseminação dos valores da arquitetura moderna através do país. A criação de escolas de arquitetura em várias regiões do Brasil teria sido um deles; o deslocamento de profissionais de uma região para outra também foi decisivo para a afirmação de uma linguagem comum pelo território brasileiro. Uma escola de arquitetura pode ser um importante centro formador e disseminador de ideias. Mas não basta apenas a sua existência, sua consistência deriva das pessoas que nela militam. Para Segawa: "O ambiente de discussão nas escolas de arquitetura foi fundamental para a afirmação da arquitetura moderna entre os jovens. E foi a circulação de jovens arquitetos pelo Brasil que constituiu um vetor de disseminação das novas ideias"(SEGAWA,2002,p.131).

O intercâmbio que havia entre docentes e discentes dos cursos de Porto Alegre, e Montevideu repercutiu na produção arquitetônica local. Muito se fala da produção da Arquitetura Moderna no eixo Rio e São Paulo, amplamente difundida entre os anos de 1930 e 1960. No entanto, fora do eixo central também se produziu arquitetura moderna relevante e com boa qualidade, é o caso da Arquitetura Moderna Gaúcha. A partir de 1950, com a implantação da Faculdade de Arquitetura, a regulamentação da profissão de arquiteto, as entidades de classe se consolidam e a produção moderna local se intensificou.

Edgar Graeff, recém-formado (1947), na Faculdade Nacional de Arquitetura, foi quem levou para Porto Alegre a informação da linha carioca, influenciou na organização da



Faculdade de Arquitetura, na reforma de ensino de 1962, tornando-se um indiscutível líder intelectual, fortemente impregnado do ideário arquitetônico originado no Rio de Janeiro. Outra influência no Rio Grande do Sul derivou do modernismo uruguaio protagonizado por arquitetos como Villamajó (1894-1948), Surraco (1896-1976), Scasso (1892-1975), de Los Campos, Puente y Tournier e a *Facultad de Arquitectura de Montevideo*, de onde egressou Demétrio Ribeiro, outra importante referência intelectual no sul do Brasil (SEGAWA, 2002). Segundo Bered (2022):

Demétrio Ribeiro, formado no Uruguai, influenciou muito a sua formação. A proximidade com o Uruguai fez com que muitas vezes professores de Montevideu viessem dar aulas de composição. Dois foram importantes, na prática projetual: Maurício Cravotto, racionalista que projetava volumes cúbicos e Ildefonso Aroztegui, com forte metodologia, ensinava a definir o programa e o organograma, visitar o terreno e sentir o espaço (BERED,2022,p.34).

A escola de Arquitetura do Rio Grande do Sul, nesse sentido, é tributária da informação vanguardista de Montevideu, do Rio de Janeiro e talvez, da europeia através do papel do austríaco Eugenio Steinhöf, militante no ensino de arquitetura na Escola de Engenharia de Porto Alegre, antes de sua integração ao curso ministrado nas Belas-Artes. Essa fusão de influências no Rio Grande do Sul talvez esteja na raiz da grande mobilidade de seus arquitetos. Mobilidade produzida pelo ensino de arquitetura. Uma análise com um caráter em parte historiográfico, em parte crítico em relação à arquitetura gaúcha, pretende contribuir com uma visão conjunta do período e compensar uma certa escassez e dispersão de registros bibliográficos críticos a respeito deste contexto. É importante analisar a arquitetura gaúcha e suas particularidades no cenário nacional, apesar de pequena e assistemática bibliografia.

De acordo com Marques (2002), no Rio Grande do Sul, boa parte dos movimentos da arquitetura aconteceram com suas particularidades. A primeira geração de arquitetos modernos, integrada por nomes como Edgar Graeff (1921-1990), Roberto Félix Veronese (1926), Demétrio Ribeiro (1916), Charles Hugaud (1922), e outros arquitetos como o escultor Fernando Corona (1895-1979), o Engenheiro Edvaldo Paiva (1911), consolidaram os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre, somente a partir da década de 1950. Anteriormente, arquitetos estrangeiros formados dentro da tradição acadêmica das matrizes europeias, como Theo Widersphan, praticaram em uma vasta produção a arquitetura dos estilos históricos em nosso contexto.

De acordo com Marques (2012), os primeiros projetos modernos de expressão da escola carioca projetados para o Rio Grande do Sul apareceram na década de 1940, apesar de não terem sido construídos, ou terem sido parcialmente concluídos marcam a presença da escola carioca na cidade.

No final da década de 1940, foi proposto um projeto por Oscar Niemeyer para o Instituto de Previdência do Estado(1943). Observou-se uma grande resistência por parte dos engenheiros locais que invocaram questões relativas aos princípios estéticos, de respeito às tradições, questões climáticas e outros argumentos. O mesmo ocorreu pouco depois com um projeto de Afonso Reidy e Jorge Moreira para os escritórios da Viação Férrea do Rio Grande do Sul(1944). Nenhum dos projetos foi construído e mesmo destino teve o projeto de Jorge Moreira para o Hospital de Clínicas (1942), posteriormente construído em longo período com alterações (XAVIER; MIZOUGUCHI,1987).

O Hospital de Clínicas da UFRGS(1942), de Jorge Moreira, com um partido desenvolvido a partir de edifício lâmina, como a *Unité* de Le Corbusier, articulado a um volume de base horizontal. O edifício Sede da Previdência do Estado (IPE) (1943), de Oscar Niemeyer, uma torre sobre pilotis de dupla altura e com terraço jardim. O corpo

tratado com brises verticais numa das fachadas e com grelha de combogós e vazios na outra. A solução de coroamento com elementos curvos relacionados a uma laje inclinada, bastante praticados na arquitetura moderna da Escola Carioca como mini pampulhas. A base insinuava uma similaridade com o projeto do Banco Boavista(1946). O edifício Sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VUFRGS) (1944) de Eduardo Affonso Reidy e Jorge Moreira a edificação reconstituía a esquina do quarteirão, suspendendo o corpo de nove pavimentos-tipo sobre pilotis de ordem colossal que absorvia a declividade da rua. Partido bem semelhante ao do IPE, mas mais laminar com coroamento bem-marcado. A composição de uma das fachadas reduzia-se aos brises verticais separados pelas lajes entrepisos, e a outra se constituía de peitoris, janelas e perfil da laje no sentido horizontal, interceptados pelo ritmo apertado dos montantes verticais, aplicando dois módulos a cada intercolúnio, (LUCCAS,2016). O coroamento com dois pavimentos recuados em um movimento de avanço e recuos dos planos superiores de fachada, os volumes cilíndricos da casa de máquinas e reservatórios fornecem leveza ao ático.

De acordo com Comas (2013), o insucesso dos arquitetos da Escola Carioca em Porto Alegre pode ser creditado à forte oposição dos engenheiros locais que eram os responsáveis pelas construtoras, prefeituras, órgãos institucionais e de classe. Para o autor, a arquitetura moderna em Porto Alegre ocorre em meados dos anos 1950 e acompanha a verticalização. Mas, Luccas (2016), declara que a arquitetura com características modernas é introduzida timidamente já no final dos anos 1940 e se consolida durante a década de 1950. Para o autor, as propostas não concretizadas na capital gaúcha constituem uma perda considerável para a arquitetura da cidade. O mérito de iniciar uma arquitetura moderna local, alinhada com os enunciados e doutrinas das vanguardas europeias e seus desdobramentos posteriores, caberia aos pioneiros, Carlos Alberto Holanda de Mendonça e a Edgar Graeff, graduados no Rio de Janeiro na segunda metade dos anos quarenta.

Um episódio importante na difusão da linguagem moderna da escola carioca no Rio Grande do Sul foi o II Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em Porto Alegre do dia 02 a 27 de novembro de 1948. No congresso as discussões foram baseadas em três temas: bases teóricas e tendências da arquitetura contemporânea, ensino e prática da arquitetura e a indústria na evolução da arquitetura. Holanda de Mendonça participou do congresso, o que deveria ter reforçado suas convicções em relação à linguagem que adotaria na maior parte dos seus projetos (BUENO,2012). A conexão com a escola carioca em Porto Alegre ocorreu através do projeto de residências como a do engenheiro Edvaldo Paiva, projeto de Edgar Graeff (1948); a residência Jorge Casado d’Azevedo(1950), de Carlos Alberto Holanda de Mendonça e a residência Maria Flor Vieira (1950), de Carlos Maximiliano Fayet (MARQUES,2002).

Conforme Marques (2012), a ideia de arquitetura moderna gaúcha não encontrou eco em termos de sistemas compositivos e elementos formais próprios suficientes para sustentação de escola arquitetônica regional irradiadora, nem corpo disciplinar hereditário que fizesse jus a identidade formal distinta da Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul. Para Piñón (2010), as maneiras de concepção da Arquitetura Moderna, em especial da disseminada de maneira recorrente nos anos 1950, baseadas em firmes princípios estéticos de concepção como construção, abstração como universalidade e forma consistente a partir de uma ideia de ordem, de certa maneira, manifestaram-se no sul latino-americano e brasileiro em quantidade e qualidade média expressiva.

Os centros históricos, tradicionalmente, representavam a região mais importante e valorizada das cidades latino-americanas, reafirmando o conceito de centralidade cultural, econômica e habitacional. Nesse contexto, a primeira metade do século XX, foi marcada por um processo de modernização e verticalização dos principais centros urbanos brasileiros, que foram guarnecidos de equipamentos e infraestrutura para responder ao aumento na densidade de ocupação, como as capitais regionais. No contexto europeu e norte-americano, diversos foram os agentes causadores dessa



transformação. Para Almeida (2016), a visão de modernidade também estava associada à apropriação dos avanços tecnológicos das grandes estruturas de concreto ou de aço, do elevador, da pré-fabricação que aparecia como um novo patamar para a construção civil. Segundo Moreira (2019), os elevadores foram equipamentos fundamentais para a aceitação dos apartamentos como solução de moradia. Possibilitando não só a verticalização das cidades, como também uma mudança de perspectiva, onde as tecnologias criaram uma forma de habitar.

A construção civil de Porto Alegre ganha vigor a partir dos anos 1930 e 1940, quando foram feitos grandes investimentos nos setores imobiliários e urbano. É nesse período que vários eixos viários foram estabelecidos. Também nesse período as avenidas Borges de Medeiros e Salgado Filho foram abertas na área central da cidade. É o período de verticalização marcado pela presença dos edifícios em altura no centro da cidade como o Guaspari (1936), de Fernando Corona, localizado na Avenida Borges de Medeiros esquina Rua José Montauri; o edifício Sulacap (1938), de Arnaldo Gladosh também na Avenida Borges, mas esquina com a Rua dos Andradas; o edifício Reunidos (1938), de João Monteiro Neto, na Borges esquina Rua General Andrade Neves.

Na década seguinte de 1940 a 1950, são implantados os edifícios, Mesbla (1944), de Arnaldo Gladosh, localizado na Rua Voluntários esquina Coronel Vicente; o edifício Brasília (1946), de Guido Trein, na Travessa Leonardo Truda esquina Siqueira Campos; o edifício Santa Teresinha (1950), de Carlos Alberto Holanda de Mendonça na Avenida Senador Salgado Filho número 215, no centro marca o início dos projetos com influência da escola carioca na cidade.

Segundo Marques (2002), o Rio Grande do Sul manteve-se até o período pós-guerra, praticamente dentro da tradição acadêmica. Ao longo da década de 1950 é que importantes obras de arquitetura moderna foram construídas, consolidando sua adoção como arquitetura desejada pelas elites sociais e artísticas e logo a seguir pelo consenso da sociedade do Rio Grande do Sul. De acordo com Comas e Piñón (2013), a arquitetura moderna foi rejeitada por princípios estéticos preocupações climáticas e por interesse de grupo no mercado imobiliário. Nesse cenário, a arquitetura moderna só vai chegar em Porto Alegre por volta de 1950, quando já estabelecida no Rio Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

A escola carioca firmava-se como hegemônica no panorama nacional introduziu-se no contexto gaúcho a partir de 1950, mediante obras como o edifício Santa Terezinha (1950), o edifício Esplanada (1952) e o Palácio da Justiça(1953), conjuntamente com a própria consolidação da profissão no Estado (Figura 01).

Figura 01: Edifício Santa Teresinha (1950), Edifício Esplanada (1952), Palácio da Justiça (1953).



Fonte: ALMEIDA, ALMEIDA, BUENO, 2010, p.22-28.

Obras como o edifício Jaguaribe(1951), de Fernando (1895-1979) e Luís Fernando Corona (1923-1977); as Tribunas do Jôquei Clube do Rio Grande do Sul (1952) e o Edifício Esplanada(1952), de Román Fresnedo Siri (1903-1975); o edifício Formac

(1952), de Carlos Alberto Holanda de Mendonça (1920-1956); o colégio Júlio de Castilhos (1953), de Demétrio Ribeiro(1916) e Enilda Ribeiro(1923); o Palácio da Justiça(1953), de Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet (1930-2007); o edifício Armênia (1955) de Ari Mazzini Canarim (1930-1992); o Hospital Fêmeina (1955), de Irineu Breitman (1930); o edifício Sede do Tribunal de Contas (1956), de Jayme Ayrton Brandão Lompa (1923-1983); o edifício Sede da Cia Carris Porto Alegre(1957), de Moacyr Moojen Marques (1930-2019) e Rodolfo Matte(1930) e o Auditório Araújo Viana (1960), de Carlos Fayet e Moacyr Moojen Marques. Obras paradigmáticas da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul, praticadas por arquitetos do Movimento Moderno em Porto Alegre, formados entre as primeiras turmas do estado (XAVIER, MIZOUGUCHI,1997).

Emil Bered faz parte do grupo de arquitetos locais, que ao longo da década de 1950 vai contribuir para a introdução, difusão e consolidação da arquitetura moderna no sul. Com expressiva produção de edifícios residenciais, auxilia para a emergência dessa tipologia na cidade.

### EMIL BERED E O EDIFÍCIO LINK (1952)

Para Silvio Belmonte de Abreu Filho (2022), a trajetória de Emil Bered cobre toda a segunda metade do século XX, uma contribuição reconhecida em favor da introdução, difusão e consolidação da arquitetura moderna no estado do Rio Grande do Sul. A qualidade e relevância de sua produção arquitetônica é certificada em todas as publicações da arquitetura moderna gaúcha (XAVIER; MIZOUGUCHI,1997; ALMEIDA; ALMEIDA; BUENO, 2010; COMAS; PIÑÓN,2013;MARQUES;VIEIRA;STRÖHER,2022). Alguns edifícios como o Linck(1952), o Redenção (1954), o Rio Grande do Sul(1958), o Porto Alegre(1959), e o Faial(1962), aparecem em todas as publicações sobre o tema. São apontados como obras de referência da arquitetura residencial. Apesar disso, a historiografia da arquitetura moderna brasileira tem ignorado sua obra e mesmo as publicações disponíveis sobre a arquitetura gaúcha não a aborda na totalidade, ou com a abrangência e cuidado que merece (Figura 02).

Figura 02: Edifício Linck (1952), Edifício Redenção (1954), Edifício Rio Grande do Sul (1958), Edifício Faial (1962).



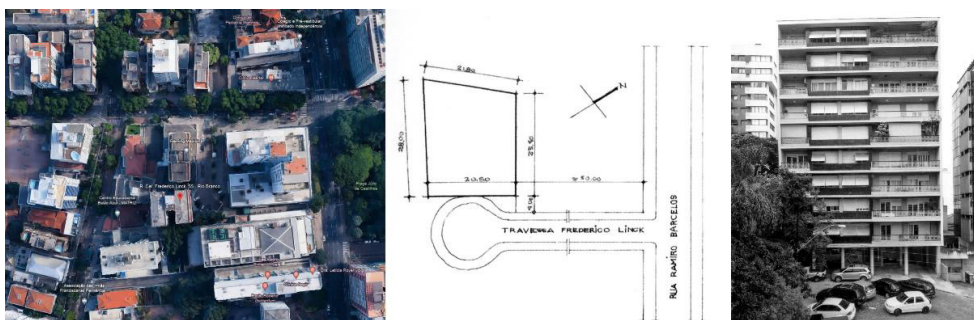
Conforme Marques (2022, p.267), certa maneira de fazer arquitetura e urbanismo modernos no Sul, distinta do centro do país, que mesmo significativamente mais modesta do ponto de vista da monumentalidade e ambição, não apresenta menor qualidade, tanto na sua forma de disseminação em tecidos urbanos recorrentes quanto em certa universalidade.

Ao longo de três décadas (1950-1980), Bered desenvolveu um conjunto significativo de obras, especialmente sua grande produção de edifícios de apartamentos e outras tipologias. Bered é um arquiteto que tem relevância no cenário gaúcho tanto pela sua ampla produção quanto pela atuação como docente da Faculdade de Arquitetura onde lecionou, até sua aposentadoria em 1984, nas disciplinas de Arquitetura Analítica e Composição de Arquitetura. O arquiteto também atuou nos órgãos de classe, sendo presidente do IAB/RS por duas gestões e participou do IAB/Nacional. Ele também participou de diversos concursos públicos e privados de arquitetura, cuja experiência rendeu-lhe vários prêmios.

Bered (2022), afirma que em sua formação foi influenciado por arquitetos como Jorge Moreira, irmãos Roberto, Lúcio Costa, Afonso Reidy e Oscar Niemeyer assim como estrangeiros como Richard Neutra, Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe e Le Corbusier.

Bered inicia sua vida profissional em um período de desenvolvimento imobiliário e incentivo à verticalização, estabelecendo escritório com seu colega Salomão Sibemberg Kruchin e depois com Roberto Felix Veronese. O edifício Link (1952), objeto de análise, foi projetado na primeira década de atuação de Emil Bered em parceria com Salomão Kruchin e Roberto Veronese. O prédio se localiza na Travessa Frederico Coronel Link número 55, no bairro independência. O lote com 525,00m<sup>2</sup> com 21 metros de frente norte por 25m, se localiza no final de *cul the sac*, paralelo à Praça Júlio de Castilhos. O projeto foi o primeiro encargo de porte do trio de arquitetos. O lote com grande declividade proporcionou um projeto constituído de garagem no subsolo, térreo com um apartamento nos fundos, oito pavimentos tipo com dois apartamentos de 200,00m<sup>2</sup> por andar e cobertura, sendo a área total construída de 4.384m<sup>2</sup>. De propriedade da Sociedade Edifício Linck Limitada, a incorporação e construção esteve a cargo da Construtora Mello Pedreira (Fagundes, 2021) (Figura 03).

Figura 03: Implantação(Google Earth), Planta de situação edifício Linck(1952), imagem fachada frontal.

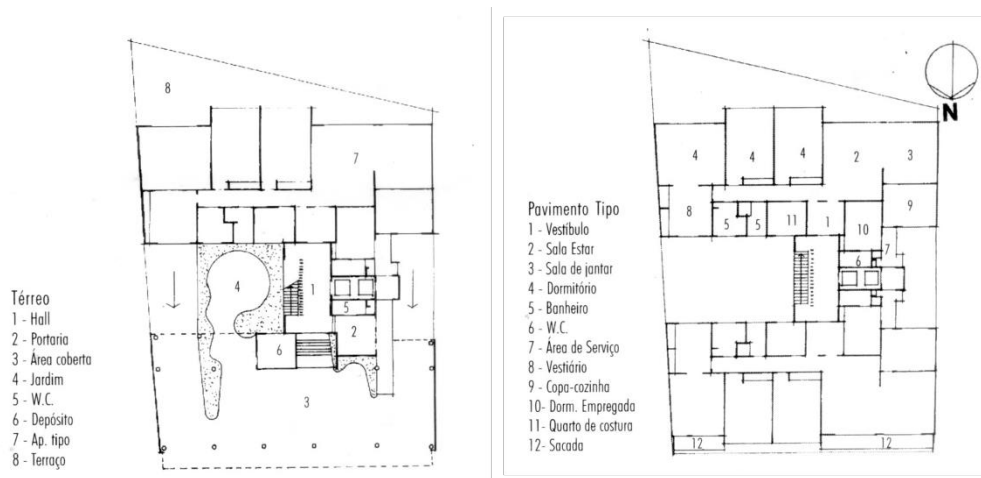


Fonte: adaptado de MARQUES; VIEIRA; STRÖHER, 2022, p.118-119.

O projeto se desenvolve em dois blocos ocupando o lote de divisa a divisa, gerando um grande plano frontal de fachada tratada. Os acessos, circulações e zonas de serviço unem os dois apartamentos configurando um H, gerando desta forma um pátio para a ventilação e iluminação (Figura 04). O pavimento térreo está dividido entre o acesso principal, hall de entrada com pilotis, o acesso de serviço e de carros, garagem no subsolo e na parte posterior, um apartamento idêntico ao do andar tipo. Na época em que foi projetado, eram raros os apartamentos com esta área e uma característica importante foi o fato de o prédio estar situado em frente a um *cul-de-sac*. O recinto de implantação, um lugar calmo com relação à circulação veicular gerando menos ruído aos apartamentos localizados na frente e uma vista interessante que dificilmente será obstruída pelos apartamentos voltados aos fundos (MARQUES; VIEIRA; STRÖHER, 2022).



Figura 04: Planta Baixa Térreo e Pavimento Tipo.

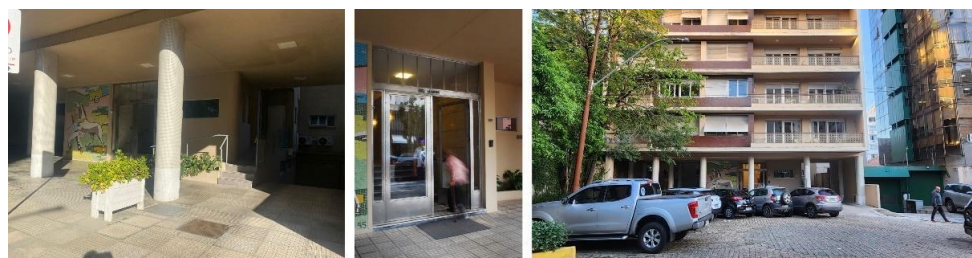


Fonte: adaptado de STRÖHER, 2000, p.62.

As plantas baixas dos apartamentos são simétricas em relação ao corpo central, onde ficam localizadas as circulações social e de serviços (escadas e elevadores) e parte dos serviços. O esquema em H, é pertinente ao lote de meio de quadra, gerando maior ambiência do arranjo funcional. A planta do pavimento tipo, evidencia uma alvenaria que avança timidamente e gera uma pequena separação entre jantar e estar, muito mais virtual do que efetiva. Sua existência está muito mais relacionada a separação e funcionalidade da cozinha para com o jantar. O quarto de costura revela uma peculiaridade do programa funcional residencial gaúcho do período, com metragem mínima de 7m<sup>2</sup>, conforme legislação vigente na época (Figura 04).

A planta do térreo desenvolve, no espaço correspondente ao apartamento frontal um depósito cujo volume serve de fundo para o painel de azulejos, uma escada de acesso ao hall, portaria e uma área coberta com marcação de pilotis com sinuoso desenho de floreiras que se estendem para o interior formando um jardim no espaço correspondente a uma área interna aberta. Acessos laterais dão para a garagem no subsolo. No térreo, ao fundo há a relação do apartamento-tipo aos fundos (Figura 05).

Figura 05: Acessos no térreo e base contida e recuada.



Fonte: fotografias da autora, 2023.

Le Corbusier (1936), sempre quis enfatizar que sua arquitetura foi construída em torno de uma série de visões que se desenrolavam, abrangendo e celebrando os movimentos do corpo. Em seu livro "Mensagem aos estudantes de arquitetura," de 1943, o arquiteto afirma que a arquitetura é a circulação, enunciando a importância do caminhar dos interiores, relacionando às emoções geradas a cada passo. Nesse percurso "a qualidade da circulação interior será virtude biológica da obra, organização do corpo construído, na verdade, ligado à razão de ser do edifício" (CORBUSIER,2006,p.46).

O esquema Dominó, proposto por Le Corbusier em 1915, emprega uma estrutura independente, na qual lajes planas paralelas com balanços viabilizam uma planta livre, permitindo a organização dos espaços sem restrições da malha estrutural. Da mesma forma, o tratamento da fachada desvincula-se da estrutura, conferindo ao arquiteto uma maior liberdade criativa na composição. Emil Bered (2022), afirma que os estudos sobre arquitetura moderna de Le Corbusier foram decisivos em sua carreira. Ele procurou estudar, entender e aplicar os cinco pontos de Le Corbusier em seus projetos. Dentre eles o parâmetro de projetar edifícios sobre pilotis, para permitir a aeração do espaço público. Mas em edifícios de habitação coletiva, em Porto Alegre, não se fazia isso, o térreo era ocupado com lojas e hall de entrada.

Nos edifícios residenciais multifamiliares, em função da existência da setorização social, íntimo e serviços, as alvenarias coincidem com a estrutura. Mas, a evolução tecnológica da estrutura independente possibilitou ambientes mais amplos, integrados e menos compartimentos com amplas fenestração, contribuindo para melhor iluminação e ventilação natural. Ao analisar a planta baixa do edifício Linck, verifica-se a integração e a fluidez do estar e o jantar que se abrem ao corredor que leva ao setor íntimo e de serviços (Figura 04).

No edifício Linck, a lógica de arranjo dos apartamentos resulta em duas orientações distintas: no apartamento voltado para o norte, as áreas íntimas e sociais, incluindo a sala de jantar, são dispostas na fachada frontal, enquanto os serviços ocupam a face sul. Dado que os apartamentos são dispostos de forma espelhada, as áreas de dormitórios, estar e jantar ficam na porção sul, ao passo que os serviços são situados no pátio interno. É evidente que o arquiteto cuidadosamente considerou as perspectivas visuais ao planejar essa lógica de implantação. A conexão entre o interior do apartamento e o ambiente externo foi concebida e reforçada por meio da distribuição estratégica dos espaços.

Os prédios residenciais representam a vivência contemporânea, uma reação ao aumento das áreas urbanas industrializadas e interligadas por vias amplas. Montaner (2001) analisa a maneira como os arquitetos modernos enxergavam o usuário. Segundo o autor:

O movimento Moderno, impulsionado por uma visão positivista e psicológica ao mesmo tempo, pensa a arquitetura em função de um homem ideal, perfeito, genérico e total. Um homem ético e moralmente completo, de costumes puritanos de uma funcionalidade espartana, capaz de viver em espaços totalmente racionalizados, perfeitos, transparentes, configurados de forma simples. O modulator de Le Corbusier (1942), constituiria uma explicitação tardia deste usuário idealizado. Segundo Le Corbusier, todos os homens têm o mesmo organismo, as mesmas funções e necessidades (MONTANER,2001,p.18).

Figura 06: Fachada frontal do edifício Linck e detalhe do painel de azulejos de Saulo Gomes.



Fonte: imagens da autora, 2023.

Existe uma clara preocupação com a definição formal através do volume prismático e reforçado pelas bordas elegantemente marcadas e opacas. A estratificação dos pavimentos confere horizontalidade ao volume e se encontra a moldura opaca que reforça a definição geométrica do volume. O tratamento da fachada acompanha a modulação do intercolúnio criando um ritmo de cheios e vazios reforçado pela materialidade e o marrom do revestimento contrapondo ao rendilhado do guarda corpo das sacadas (Figura 06).

Os elementos de composição representados nessa fachada distribuem-se em dois setores distintos: na base contida e recuada estão a entrada principal, de serviços e de carros, garagem no subsolo, a parte posterior é ocupada por um apartamento. No corpo do edifício ficam representados os dormitórios e o jantar e estar com duas sacadas. Os elementos de arquitetura que dão fechamento a estes volumes ficam representados no térreo, por pilotis recuados no primeiro plano, e as alvenarias de fechamento (STRÖHER,2000). Para Emil Bered (2022,p.48), o caráter universal da boa arquitetura deve ser expresso revelando-se realmente o que acontece dentro do edifício.

A fachada frontal é ritmada através dos módulos da estrutura vertical, sendo um módulo com sacada destinado a um dormitório, dois módulos sem sacada que marcam dois dormitórios, e mais dois módulos para o estar e jantar com ampla sacada. Segundo Marques, Vieira e Ströher (2022), as sacadas são amplas e o peitoril foi tratado com cuidados especiais, empregando uma grande grade de ferro trabalhada com desenhos geométricos repetidos buscando um rendilhado inspirado nos muxarabis árabes como um resgate de nossa cultura colonial (Figura 07).

Figura 07: Detalhe da sacada do edifício Linck.



Fonte: imagens da autora, 2023.

No Brasil, elementos da arquitetura árabe surgiram de forma natural, uma vez que estavam entrelaçados com a arquitetura popular portuguesa devido ao período de influência árabe na Península Ibérica entre os séculos VII e XV. Elementos como rótulas, muxarabis e gelsias eram frequentemente utilizados em aberturas. Durante os séculos XVII e XVIII, esses elementos podiam ser observados na produção arquitetônica nacional. Nesse contexto, a arquitetura popular superava em quantidade a arquitetura oficial, criando um verdadeiro estilo brasileiro através da incorporação diversificada de elementos arquitetônicos árabes, também em resposta ao clima local (MARIANO, 1943, p. 9-42). Le Corbusier defendia a abertura dos edifícios para o exterior, permitindo a entrada de ar, luz e a conexão com a natureza. No início do século XIV, com a industrialização, esses elementos foram substituídos por janelas com vidros, janelas do tipo guilhotina, a veneziana e os brises.

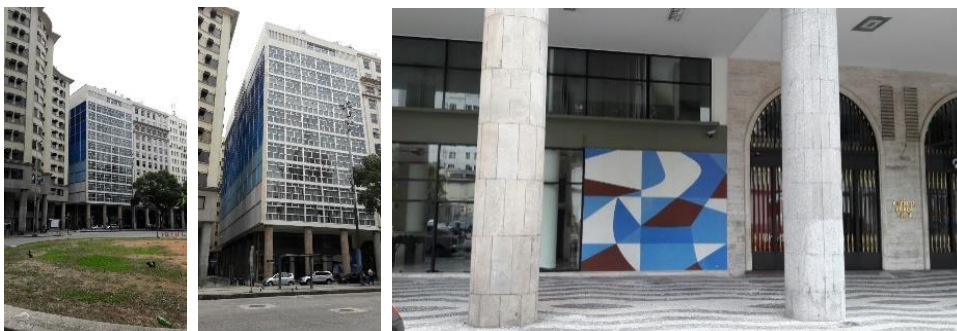


Ströher (2000), sinaliza certa ambiguidade com relação à expressão formal das funções, com a sacada frontal presente na sala e no dormitório principal com acabamento em gradil metálico e nos outros dois dormitórios não têm esse acabamento em peitoril de volume avançado e marcado por revestimento marrom. Já nos apartamentos dos fundos não existem as sacadas.

Cabe destacar que há reinterpretação dos princípios da arquitetura moderna preconizados por Le Corbusier. Não há a presença da janela em fita, mas a implementação de varandas voltadas ao *cul-de-sac*, gerando a grelha que destaca a volumetria frontal da edificação. Os pilotis também foram ressignificados, com a edificação construída de divisa a divisa, o alinhamento dos pilotis no térreo possibilitou uma área de transição entre público e privado, propiciando espaço de passagem e abrigo. O tratamento diferenciado entre base e corpo se alinha com a ideia de Carlos Comas (2010), onde a simplicidade repetitiva do corpo se contrapõe ao térreo. Os pilotis, presente em várias obras do modernismo no Brasil, é uma lição de modernidade em relação à independência entre estrutura e vedação.

No edifício Linck, a fachada frontal, com diferentes profundidades, com grelha horizontal e plano ressaltado em relação às laterais da divisa, marca uma estratégia compositiva que serve como elemento de proteção solar ao norte, através das sacadas. A solução de linhas horizontais predominante foi resolvida de forma atípica, afastando-se do precedente da grelha ortogonal presente na Arquitetura Moderna brasileira vertente corbusiana. O arranjo se associa a antecedentes como a composição frontal do Banco Boa Vista (1946) de Oscar Niemeyer (Figura 08).

Figura 08: Banco Boa Vista(1946), projeto de Oscar Niemeyer, Rio Janeiro.



Fonte: <https://www.borellimerigo.com.br/comercial/bradesco-boa-vista>

## CONCLUSÃO

Em síntese, a análise projetual e histórica do Edifício Linck (1952) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, revela importantes influências e contribuições para a construção da identidade moderna na região. A habitação multifamiliar, essencial para o desenvolvimento da arquitetura moderna no século XX, foi moldada no Brasil pelas ideias de arquitetos cariocas e pelo estabelecimento de cursos pioneiros de Arquitetura no Sul, seguindo as diretrizes da Escola Carioca e incentivando a adoção dos princípios corbusianos. A primeira geração de arquitetos modernos, incluindo Emil Bered, desempenhou um papel fundamental na introdução, difusão e consolidação da arquitetura moderna na região sul, adaptando-a à realidade local. É importante ressaltar que, embora haja uma reinterpretação dos princípios corbusianos, o Edifício Linck exemplifica uma abordagem singular que se afasta dos padrões ortogonais da Arquitetura Moderna brasileira, incorporando elementos distintivos, como varandas voltadas ao *cul-de-sac* e a ressignificação dos pilotis. Essa contribuição não apenas

enriquece o panorama arquitetônico local, mas também evidencia a diversidade e a riqueza das expressões do movimento moderno no Brasil, influenciadas por fatores geográficos, culturais e construtivos. Assim, o legado do Edifício Linck transcende sua função habitacional, deixando uma marca significativa no desenvolvimento da arquitetura moderna na região sul do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Guilherme; ALMEIDA, Marco; BUENO, Marcos. **Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. Emil Bered Arquiteto. In: MARQUES, Sergio; VIEIRA, César; STRÖHER, Eneida. **Emil Bered arquiteto**. Porto Alegre, Marcavisual, 2022, p.288-293.

BERED, Emil. Autobiografia. In: MARQUES, Sergio; VIEIRA, César; STRÖHER, Eneida. **Emil Bered arquiteto**. Porto Alegre, Marcavisual, 2022,p.29-47.

BERED, Emil. **Muito edifício pouca arquitetura**. Revista O Globo, 1958,p.49.

BELTRAN-BELTRAN,Lina. La arquitectura del Movimiento Moderno como patrimônio cultural. **Apuntes**, Bogotá,v.21 ,n.2,p.154-155.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 2012, p. 12.

BUENO, Marcos Flávio Teitelroit. **A obra do arquiteto Carlos Alberto de Holanda Mendonça**. 2012. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CORBUSIER, Le. BOESIGER, W (org). **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complète**. Zurich: Lés Éditions D'Architecture, 1936.

CORBUSIER, Le. **Mensagem aos estudantes de arquitetura**. Trad. Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COMAS, Carlos Eduardo. Questões de base e situação: Arquitetura moderna e edifícios de escritórios, Rio de Janeiro, 1936-45. **Arquitextos**, São Paulo, ano 07, n. 078.00, Vitruvius, nov. 2006.  
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.078/293>>.

COMAS, Carlos Eduardo. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 123.00, Vitruvius, ago. 2010  
<<https://bit.ly/3nOH0cS>>.

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Helio. **Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre - 1945/65**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

FAGUNDES, Ângela Cristine. **Emil Bered: e o edifício de apartamentos modernos em Porto Alegre: 1950-1980**. 2022. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

GOODWIN, Philip Lippincott. **Brazil Builds: Architecture new and old 1652–1942**. New York, The Museum of Modern Art, 1943, p. 18.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado: estudo da radial Independência/24 de outubro - Porto Alegre - nos anos 50**. Tese (Doutorado em História) - PUCRS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2005.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. **Arquitextos**, São Paulo, ano 07, n. 073.04, Vitruvius, jun. 2006 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.073/346>>.

LUCCAS, Luís Henrique Haas.; FIORE, Renato Holmer (org.). **Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre**. Porto Alegre: Marcavisual, 2016.

MINDLIN, Henrique. **Braslian architecture**. London: Royal College of Art, 1961.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: G.Gilli, 2001.271p.

MARIANNO, José Filho. **Influências muçulmanas na architecture tradicional brasileira**. Rio de Janeiro, A noite, 1943.

MATTOS, Melissa Laus; AMORA, Ana Maria. Arquitetura moderna no Brasil para além de outros centros. **Cadernos PROARQ**, nº35, Rio de Janeiro, dezembro 2020,p.117-120.

MARQUES, Sérgio Moacir. **A revisão do movimento moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80**. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2002.

MARQUES, Sérgio Moacir. **Fayet, Araújo & Moojen - Arquitetura Moderna Brasileira no Sul: 1950/1970**. Tese de doutorado em Arquitetura. Porto Alegre: PROP/ARQ/UFRGS, 2012.

MARQUES, Sergio. De frente para trás: duas esquinas. In: MARQUES, Sergio; VIEIRA, César; STRÖHER, Eneida. **Emil Bered arquiteto**. Porto Alegre, Marcavisual, 2022. p.263-271.

MARQUES, Sergio; VIEIRA, César; STRÖHER, Eneida. **Emil Bered arquiteto**. Porto Alegre, Marcavisual, 2022.

MOREIRA, Lizandra Machado. **O edifício de apartamentos em Porto Alegre: um paralelo entre o moderno e o contemporâneo**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre. PPGAU - Uniritter/Mackenzie, 2019.

PEREIRA, Calovi. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre,v.2,p.48,out, 2000.

PIÑÓN, Helio. **Teoria do Projeto**. Livraria do arquiteto: Porto Alegre, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SIMON, Círio. **Arte em Porto Alegre após 1945**. Publicado em 19.08.2010. Disponível em: <http://profciriosimon.blogspot.com/2010/08/arte-em-porto-alegre-apos-1945-0802.html>. Acesso em 04.03.2023.

STRÖHER, Eneida R. Emil Bered: seis edifícios. In: **Arquitexto**, v.1, n. zero (2000). Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 2000, p. 61-73.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. Editora Pini. São Paulo, 1987.